

O PERIGO DAS FAKE NEWS EM SAÚDE E AS AÇÕES BÁSICAS DE MITIGAÇÃO NA ESCOLA

Monica Erika Pardin Steinert¹

RESUMO: Notícias veiculadas pelas mídias “oficiais” trazem preocupante retrocessos na saúde pública: doenças antes erradicadas, como a poliomielite, rubéola e difteria são mencionadas pelas agências e órgãos governamentais de saúde como passíveis de retorno em meados de 2022. Esse dado alarmante é uma consequência da propagação de notícias falsas maciçamente difundidas na internet. A desinformação é uma faceta da mesma marginalização digital dissecada por Demo (2007). Diante dessa circunstância e consoante ao desenvolvimento de um projeto pautado na temática “Comunicação Científica” realizado no ensino de Biologia no ano letivo de 2023, foi desenvolvida uma prática pedagógica baseada, que utilizou instrumentos de pesquisa quali-quantitativas junto aos estudantes do ensino médio. Ela teve o objetivo de analisar a prontidão das pessoas para identificar/checar elementos de falsidade nas informações que comumente compartilham em suas redes sociais. Essas características buscam alinhamento com a Alfabetização Midiática Informacional (AMI). Após a análise dos resultados, houve articulação de estratégia interventiva na unidade escolar. A despeito de todas as dificuldades vivenciadas na pesquisa e seus desdobramentos, a ação sinaliza um limiar de construção de competências em educação midiática.

Palavras-chave: Fake news. Saúde. Pesquisa. Educação Básica.

ABSTRACT: News broadcast by "official" media reveals worrying setbacks in public health: previously eradicated diseases such as polio, rubella, and diphtheria are mentioned by government health agencies and bodies as likely to return by mid-2022. This alarming statistic is a consequence of the widespread dissemination of fake news online. Misinformation is a facet of the same digital marginalization disseminated by Demo (2007). Given this circumstance, and in line with the development of a project focused on "Scientific Communication" conducted in Biology classes during the 2023 academic year, a pedagogical practice was developed using qualitative and quantitative research instruments with high school students. The objective was to analyze people's readiness to identify and verify elements of falsehood in the information they commonly share on social media. These characteristics align with Media and Information Literacy (MIL). After analyzing the results, an intervention strategy was developed at the school. Despite all the difficulties experienced during the research and its consequences, the action signals a threshold for building media literacy skills.

Keywords: Fake news. Health. Research. Basic education.

¹ Mestre em Ensino de Ciências Naturais pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professora de Biologia da rede pública estadual de Mato Grosso E-mail: moksteinert33@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

As pandemias da gripe espanhola (1918-1919), poliomielite (Século XX) e tuberculose (1700 – 1950) foram adversidades sanitárias que marcaram a humanidade, legitimando a crença coletiva no potencial da ciência para produzir vacinas e medicamentos como salvadores de vidas, seja pela prevenção ou cura desses males. Porém, recentemente esses recursos se tornaram pivôs de escaramuças ideológicas e retóricas perigosas.

Multiplicam-se os discursos, contra os meios de imunização para doenças altamente contagiosas. Segundo Sanches e Cavalcanti (2018) diante da dúvida acerca da veracidade de uma notícia ou da efetiva comprovação de seu embasamento científico, surgem grupos que elegem uma "verdade" e afastam toda e qualquer posição contrária ao que é defendido por eles. Foi justamente nesse cenário que surgiu uma corrente antivacinação, especialmente nos Estados Unidos e Europa, com posturas que vem colocando em risco a saúde pública mundial.

As redes sociais on-line e a cultura de compartilhamento possibilitaram um novo meio para que a desinformação se transformasse em um problema público. A capacidade que as notícias falsas têm de influenciar eleições, por exemplo, fizeram com o que o problema adquirisse visibilidade em diversos setores da sociedade, criando a necessidade de se debater o assunto e desenvolver formas de rechaçá-lo (Monari; Bertolli-filho, 2019).

De acordo com Frugoli et al (2019), existem duas categorias de discurso anti vacinas no Brasil, constatadas a partir da análise de conteúdo das fake news: vacinas (imunobiológicos) têm potencial risco de causar morte/sequela; vacinas são ineficazes. As autoras asseveram que

A desinformação, fundamento para a produção fake news, não é apenas uma falta de esclarecimento, mas um processo ativo de desconhecimento que media e determina processos saúde-doença-cuidado. Neste caso, o indivíduo não-esclarecido está mais propício a realizar pesquisas virtuais e, conseqüentemente, mais exposto a informações errôneas que podem influenciar em sua decisão (Frugoli et al, 2019, p.07).

Diante de uma situação tão relevante, que perpassa o próprio sentido de cidadania, imbrica-se tal assunto à educação midiática, que, de acordo com Grossi, Leal e Silva (2021) deve ter o propósito maior de estimular crianças e jovens a terem um senso crítico que lhes

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 9, nº2, julho/dezembro - 2025.– Curso de Pedagogia– UNESC

possibilite o entendimento acerca da natureza das mídias e o seu gênero, para então analisar a informação corretamente, refletindo sobre o papel de quem produz a informação e quem a recebe.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) exige que os estudantes adquiram competências digitais, reforçando a necessidade de se fazer um uso responsável da tecnologia que abarcam ações como compreensão, utilização e criação das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TIDC), de forma significativa, crítica e reflexiva, onde sejam aptos a distinguir comportamentos e atitudes adequadas de ações inadequadas. Essa competência citada pela BNCC reconhece o importante papel da tecnologia e seu impacto na sociedade, na vida individual do sujeito e nas relações sociais e culturais (Grossi; Leal; Silva, 2021).

Nessa conjuntura, foi desenvolvido no componente curricular Biologia da educação básica, uma pesquisa investigativa com nuances de Aprendizagem Baseada em Projetos (PBL), mas esse tópico não será discorrido neste texto. Este trabalho tem o objetivo de demonstrar os resultados de uma prática pedagógica realizada com os estudantes do ensino médio, com o objetivo de analisar a prontidão dos adolescentes para discernir fatos de fake news em saúde.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A questão das fake news resvala na marginalização digital ou *digital divide*.

A marginalização digital é um complexo dentro da sociedade informacional, podendo ser pano de fundo para a manipulação de oportunidades e vantagens, como forma de pobreza política ou de produção da ignorância niveladora à condição de massa de manobra, que coloca em jogo, os modos pertinentes de saber pensar mediados digitalmente (Demo, 2007).

Centralizando a questão das habilidades de informação e os tipos de alfabetizações que decidem as oportunidades na sociedade da economia, destaca-se o papel imprescindível da educação como porta de entrada da população, geralmente menos favorecida economicamente, que frequenta escola pública: serem hábeis em informação ao terem a

capacidade de realizar confrontos críticos e criativos, capazes de construir sujeitos aptos a controlarem as tecnologias e não serem marionetes delas (Demo, 2007).)

De 2007 para cá, a população tem obtido maior acesso às Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), algo que proporciona novidades na reconfiguração social, em uma sociedade que está em contínua transformação, seja nos setores econômico, político, cultural ou social. Compreendendo que as teorias de comunicação acompanham as configurações sociais de cada época, é possível deduzir que a sociedade se encontra em processo de midiatização (Monari; Bertolli, 2019).

Entretanto, um descompasso notável acerca da qualidade das informações difundidas e compartilhadas no ciberespaço teve especial relevância no período da pandemia da Covid-19. Da Rocha, De Lima Lavarda e Da Silveira (2019), afirmam que houve quebra da credibilidade jornalística concomitante ao avanço da produção e compartilhamento de conteúdo nas redes sociais, tendo a internet como cenário.

É cada vez mais comum que as pessoas façam a leitura de reportagens, escutem e vejam conteúdos jornalísticos desenvolvidos, em sua maioria, especialmente para as plataformas digitais, usando smartphones, tablets e notebooks para isso (Monari; Bertolli, 2019). E nesse ínterim, a Saúde Pública é a esfera mais prejudicada no processo das fake news porque toca no cotidiano das pessoas, basicamente em questões como saúde e alimentação, onde

Se o conteúdo abordar a cura de doenças, o surgimento de alimentos milagrosos e receitas que podem trazer benefícios para a saúde, o usuário de redes sociais digitais irá se sentir compelido a divulgar o material entre os seus amigos, principalmente se receber a mensagem de indivíduos que fazem parte do seu círculo de conhecidos e de pessoas confiáveis (Monari; Bertolli, 2019, p.169).

Informações verdadeiras, claras e precisas são fundamentais para a execução de Políticas Públicas de Saúde. As TDIC devem ser utilizadas a favor da sociedade, beneficiando a vida e a saúde. A saúde pública sofre, porquanto quem não toma vacinas, coloca sua vida em risco e de toda a população (Sanches; Cavalcanti, 2018).

Teixeira e Santos (2020), assinalam que dois importantes enunciadores da verdade – o Estado e a imprensa – estão perdendo a disputa para as fakes news. Os meios de comunicação em massa perdem cada vez mais a audiência que tinham no passado para reverberar as

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 9, nº2, julho/dezembro - 2025.– Curso de Pedagogia– UNESC

descobertas da ciência. O Estado sem a força da mídia e o embasamento de uma ciência crível de fato, perdeu forças para enfrentar notícias falsas. Paralelamente, surgem grupos cada vez mais profissionalizados na detenção da lógica de funcionamento das redes digitais, preparados de maneira altamente eficaz para produzir falsas notícias. “As fake news são um tipo de subproduto da comunicação de massa, capaz de se espalhar e se multiplicar numa velocidade surpreendente, interferindo diretamente na formação dos indivíduos para a cidadania e para a democracia” (Grossi; Leal; Silva, 2021, p.184).

A construção da cidadania digital perpassa a criticidade em relação ao julgamento da informação e a conscientização sobre os objetivos políticos e ideológicos desses grupos especializados em produção e disseminação de informações falsas. Já é notório o poder que possuem para causar estragos polissêmicos na sociedade, sobretudo em âmbito político. E esses danos acabam pulverizados sobre a própria maioria esmagadora dos indivíduos que consomem essas fake news. É a contraditória vivência, em plena sociedade da midiatização, do píncaro da marginalização digital, política e social. Ponderamos que a educação para a cultura digital, nos caminhos da Alfabetização Midiática Informacional (AMI), seja o caminho para ensinar, desde que persistente nos processos pedagógicos, uma modificação desse cenário.

O debate das fake news multiplicados pelos meios de comunicação trazem a discussão da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI), que remete a um conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica do ambiente informacional e midiático em todos os seus formatos, sejam eles impressos ou digitais. Ou seja, se trata de uma capacitação do indivíduo para utilizar de modo adequado os diferentes tipos de mídias, algo que possibilita um conhecimento necessário para interpretar e produzir conteúdo de forma consciente e crítica (Grossi; Leal; Silva, 2021).

3 METODOLOGIA

A atividade pedagógica que fundamentou este relato de experiência, foi realizada no componente curricular Biologia, no primeiro bimestre do ano letivo de 2023, como parte do Itinerário Formativo de Ciências da Natureza e suas Tecnologias do currículo de 2º ano do Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 9, nº2, julho/dezembro - 2025.– Curso de Pedagogia– UNESC

ensino médio. Suas atividades foram realizadas na Escola Estadual Professora Dione Augusta Silva Souza, situada na região metropolitana de Cuiabá, MT. Apesar da simplificação metodológica, o trabalho pedagógico investigativo recorreu a instrumentos de pesquisa quantitativa em sua consecução.

A pesquisa quantitativa traz uma abordagem de quantificação, ou seja, faz referência com dimensões de intensidade. Ela tem como objetivo, medir opiniões e informações fazendo uso dos recursos da estatística e seus elementos de demonstração de porcentagem, a média e o desvio-padrão. Tais dados serão apresentados em forma de tabelas, gráficos ou textos (Rodrigues; De Oliveira; Dos Santos, 2021).

E com base nesse pressuposto, os estudantes idealizaram uma pesquisa quali-quantitativa com o objetivo de mensurar o percentual de desinformação da comunidade escolar em relação às notícias criadas para o projeto, e apresentadas em um mural afixado em local estratégico da escola.

Para a consecução da pesquisa, foi utilizada a plataforma Google Forms, com elaboração de duas questões estruturadas objetivas que versavam sobre sarna e perigos das vacinas. A sarna ou escabiose é uma doença contagiosa da pele que tem potencial para ser transmitida por fômites (roupas e outros objetos de uso pessoal contaminados com seus ácaros). Em relação às fake news sobre vacinas, a criação do texto da questão de pesquisa foi fomentada pelas notícias falsas mais comuns sobre os imunobiológicos utilizados na prevenção à Covid-19 que circulam na web, mas sem qualquer respaldo científico formal: a vacina transmite o vírus do HIV, causa problemas cardíacos, cria campos magnéticos em torno dos imunizados, matam pessoas em idade avançada, entre outros boatos infundados. As imagens foram criadas propositalmente para a investigação (Figuras 1 e 2) e foram analisadas em termos de veracidade ou desinformação pelos estudantes.

Figuras 1 e 2 – Imagens utilizadas no questionário investigativo sobre desinformação em saúde.

A sarna está à solta!

1

SEGUNDO OS MÉDICOS, SE
VESTIRMOS UMA ROUPA
ANTES DA LAVAGEM E DE
PASSÁ-LA A FERRO
QUENTE, PODEREMOS
CONTRAIR A SARNA
(ESCABIOSE).

O HÁBITO DE NÃO PASSAR AS
ROUPAS A FERRO QUENTE,
COLABORA PARA QUE OS
ÁCAROS DA SARNA FIQUEM
VIVOS NOS TECIDOS E
PERMANEÇAM NA PELE,
AGRAVANDO A DOENÇA.

Jornal Life Plena

2

O PERIGO OCULTO NAS VACINAS

04/03/2023

A Redação

As vacinas, ditas como antigas aliadas da Saúde Pública, já não devem mais ser encaradas como sendo sinônimos de prevenção a doenças, como as governanças gostam de apregoar nos veículos de imprensa.

O acesso à informação possibilitou um olhar mais crítico sobre esses produtos, que na realidade ocultam sérios riscos para a saúde da população. Recente pesquisa feita nos EUA, demonstrou que as vacinas possuem o elemento químico estrôncio, utilizado como conservante para potencializar a duração das vacinas. O estrôncio é mais barato do que o composto Tiomersal, à base de mercúrio. Esse detalhe resulta em economia de milhões de dólares para os laboratórios públicos que produzem essas vacinas.

O estrôncio é radioativo e o organismo humano o fixa nos ossos, exatamente como o faz com o cálcio. Portanto, o estrôncio ficaria próximo à medula óssea e desencadearia males como a leucemia e leucopenia nos usuários dessas vacinas.

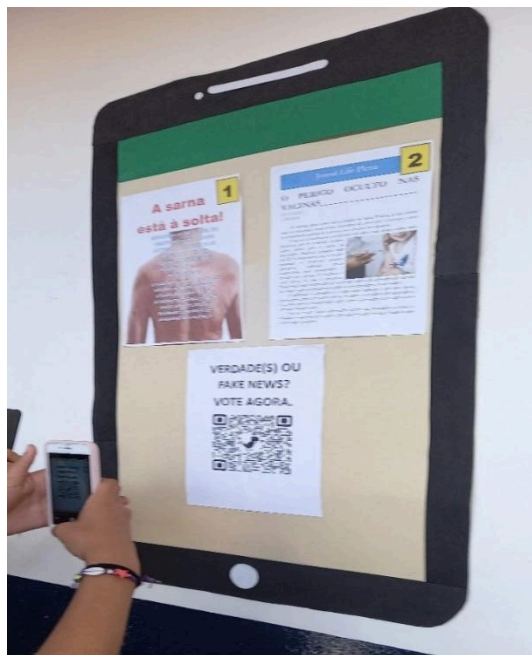
Não se engane. Essas informações devem ser repassadas a todos os cidadãos e suas redes de contatos, para que cada qual tenha a liberdade para recusar esses produtos.



Fonte: A autora (2023).

Os estudantes entrevistados deveriam responder a duas questões no formulário, assinalando em cada pergunta apenas uma entre duas opções: se o argumento apresentado era fato ou fake news. Para possibilitar acesso ao formulário de pesquisa, os estudantes das turmas 2º ano I e 2º ano J confeccionaram um cartaz similar a uma tela de celular. As imagens contidas nas Figuras 1 e 2 acima, foram impressas a cores na montagem de um cartaz, afixado no pátio, que procurou recriar a tela da rede social de compartilhamento de mensagens WhatsApp. Um QR Code foi colocado na parte inferior do cartaz para permitir o acesso ao questionário eletrônico (Figura 3).

Figura 3 – Cartaz alusivo a um *smartphone*, com instrumentos da pesquisa sobre fake news em saúde, incluindo QRCode para acesso ao formulário com questões.



A presente pesquisa permaneceu disponível da segunda metade do 1º bimestre letivo, até o final do 2º bimestre, sendo o convite à participação extensiva a todos os membros da comunidade escolar da Escola Dione Augusta. A investigação que resultou neste relato de experiência, embora tenha utilizado instrumentos de pesquisa quantitativa, não foi submetida a comitês de Bioética. Tais trabalhos desenvolvidos no âmbito da educação básica, estão

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 9, nº2, julho/dezembro - 2025.– Curso de Pedagogia– UNESC

dispensados de registro no Sistema Comitê de Ética em Pesquisa/ Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CEP/Conep), conforme disposto na Resolução CNS nº510 de 2016, art.1º, inciso VIII. Todavia, a resposta aos questionários foi pautada em confidencialidade, anonimato e livre consentimento.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O planejamento que norteou a temática de estudos sobre desinformação acerca de vacinas, de acordo com Artacho *et al* (2020), envolveu metodologias ativas de aprendizagem e buscou motivar os estudantes a terem autonomia e protagonismo no desenvolvimento das competências e habilidades necessárias para atuar como consumidores e produtores críticos de mídia.

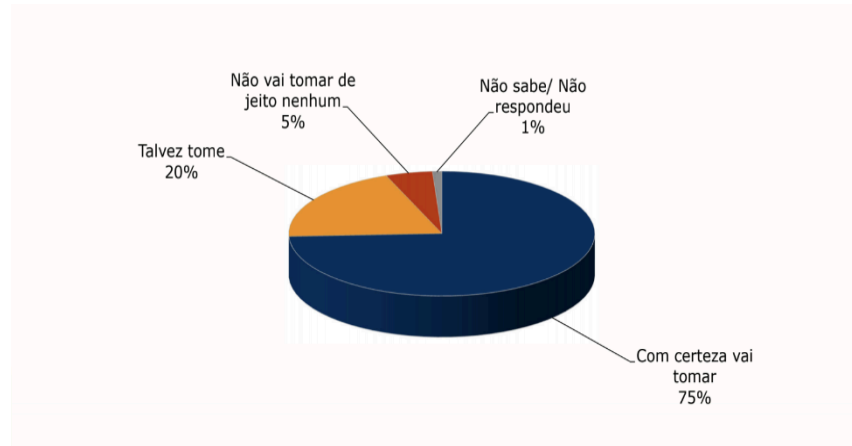
Dos 1300 estudantes regularmente matriculados na EE Prof.^a Dione Augusta Silva Souza no ano letivo de 2023, 46 discentes responderam ao questionário da pesquisa “*Verdade ou fake news em saúde*”. Depreende-se que o público respondente correspondeu a uma amostra aleatória simples, com características básicas representativas de todo o universo de pesquisa em si. Como este trabalho não constitui uma pesquisa formal, considera-se que a amostragem de estudantes participantes não foi significativa. Este dado suscita necessidade de futuras melhorias nas estratégias de engajamento e adesão da comunidade escolar em propostas pedagógicas congêneres.

Acerca da questão 01, que versou sobre fômites e sarna, 60,9% dos participantes consideraram que o assunto era fake news, contra 39,1% que julgaram a informação como sendo verdadeira.

Em relação à questão 02, que mostrava uma suposta página da internet com informações sobre vacinas, 73,9% dos entrevistados julgaram a informação como sendo fake news, contra 26,1% que acreditou nas informações contidas na questão e a julgou como sendo verdadeira.

Observamos que o achado acima possui linearidade estatística com o gráfico produzido a partir de pesquisa realizada pelo Instituto Ibope (2021), onde a assertiva pró vacinação situa-se em percentuais de 70%, ao passo que a crença na fake news apresentada e a negativa na intenção de receber o imunizante orbitam os índices de 20% (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Pessoas com intenção de tomar a vacina contra a covid-19 quando estivesse disponível



Dois fatos são alarmantes nos achados de pesquisa: a resposta à questão 01 teve resultado contrário ao esperado. Os participantes não souberam identificar um fato e o julgaram como sendo notícia falsa, devido à falta de checagem da informação. Outro ponto, foi o percentual de acreditação obtido na questão 02 (26,1%). Essa questão, contém um texto “artificial”, criado com poucos recursos gráficos e proposital ausência dos seguintes elementos, e que são inerentes às fakes news, a saber:

- de autoria;
- de referências bibliográficas;
- de fontes científicas nas pesquisas citadas;
- de vínculo/fonte institucional.

Isso demonstra que qualquer pessoa, com mínima capacidade de escrita e manejo de aplicativos de edição gráfica, pode criar textos, panfletos digitais, páginas na web e plataformas digitais para disseminar as informações de acordo com os seus interesses.

E nesse ínterim, Rocha e Brandão (2021) propõem que as fakes news são multimídia, por se apresentarem em diversos formatos, como o texto escrito, imagens (fotos, memes, cards...), vídeos e outros modelos possíveis. No formato escrito, se assemelha a uma matéria jornalística, geralmente com manchetes sensacionalistas – como foi o objetivo do texto

apresentado na questão 02, causar temor ao citar o elemento estrôncio nas vacinas como metal causador de câncer.

As imagens e vídeos são criadas ou editadas com o intuito de enganar ou confundir quem os consome; as vezes podem ser reais, mas descontextualizadas. Essa multimodalidade das notícias falsas também facilita a proliferação delas nas redes sociais, tais como WhatsApp, Instagram, Facebook e Twitter (Rocha; Brandão, 2021).

Essas redes sociais, diante da pressão da mídia e das instituições governamentais, passaram a modular o uso antes irrestrito das plataformas para disseminar desinformação, de modo maciço.

Os grupos familiares são os que mais disseminam notícias falsas, além de ser comum nesses espaços a confusão de fatos com opiniões, que resulta em desinformação. Para mais, ainda que comprovada a inveracidade da notícia, esses usuários continuam a legitimar as fakes news com o intuito de reforçar suas ideologias e crenças. Nada há que confronte suas ideias, ainda que seja um fato (Rocha; Brandão, 2021).

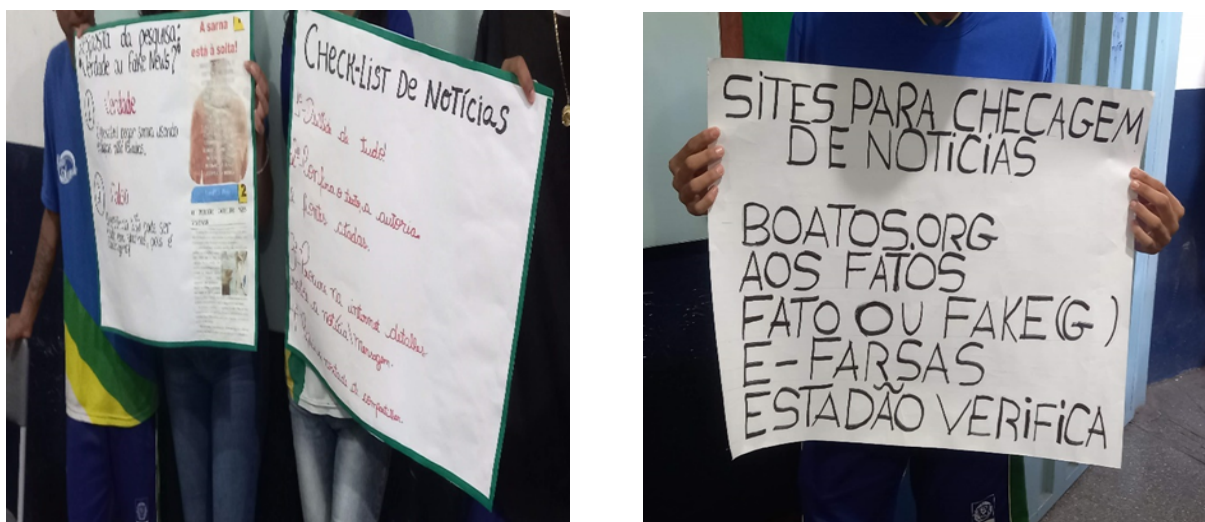
Diante dessa circunstância, o trabalho sobre combate a fake News em saúde realizado na escola, poderia potencializar os estudantes como multiplicadores dessa competência dentro de seus grupos familiares e sociais, de modo a coibir esse comportamento de resistência vigente entre os familiares, notadamente os mais maduros, que possuem posicionamentos intransigentes acerca de suas opiniões e crenças.

Na leitura dos resultados da pesquisa, os estudantes foram estimulados a ler e interpretar os gráficos de forma crítica, para no seguimento, produzir textos informativos destinados a uma campanha itinerante de combate à desinformação na comunidade escolar, a partir da criação de um protocolo básico de ações de checagem de validade de fatos na internet (Figura 4).

Os resultados da pesquisa foram divulgados para a comunidade escolar, esclarecendo-se, portanto, que o assunto da questão 1 (Fômites e sarna) é um fato ou informação válida relacionada à educação em saúde, e que as informações da questão 2 (o perigo das vacinas) é uma fake news. Na apresentação itinerante, eles explicaram as inverdades do texto e reforçaram a importância da vacinação como processo de prevenção a doenças.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 9, nº2, julho/dezembro - 2025.– Curso de Pedagogia– UNESC

Figura 4 – Estudantes realizando intervenção na escola para divulgar resultado da pesquisa e protocolo básico de checagem de informações falsas



Fonte: A autora (2023).

Pondera-se que os estudantes são desobrigados de conhecer rudimentos de parasitologia ou saber a dinâmica das fômites da escabiose, mas possuem, a partir da estratégia de ensino encetada, a obrigação de recorrer aos protocolos básicos de checagem de informações por eles recebidas na internet. Esse conjunto de ações estão em consonância com a Competências Gerais Conhecimento, Pensamento Científico, Comunicação, Cultura Digital e Responsabilidade Social e Cidadania da BNCC, que perpassam os caminhos da Alfabetização Midiática e Informacional na escola.

Do ponto de vista da abrangência da prática pedagógica e mobilização da comunidade escolar, percebemos que o trabalho poderia ter sido mais extensivo e envolvido a totalidade dos estudantes da escola. O engajamento interdisciplinar teria reverberado a proposta com maior força na comunidade escolar (e para além dela). A temática fake news/desinformação/marginalização digital em contraponto com Alfabetização Midiática e Informacional (AMI), Educomunicação e Cultura Digital é algo que urge a todos os atores escolares e sociais. Nenhum professor ou educador são imunes às falácias de uma ou outra notícia falsa disseminada nas plataformas digitais. Tal constatação óbvia corrobora essa

necessidade posta. Desenvolver as habilidades EM13CNT303 e EM13CNT305 são situações urgentes para possibilitar aos jovens, respectivamente, a capacidade de

[...]interpretar textos de divulgação científica em diversas mídias, analisando dados, argumentos e fontes para selecionar informações confiáveis o discernimento de fontes científicas confiáveis[...] investigar o uso indevido de conhecimentos científicos para discriminação, promovendo uma visão crítica e equitativa (BRASIL, 2018).

Nos últimos tempos, as fakes news demonstram-se como reverberação política, religiosa, social, pseudocientífica e ideológica, que se reveste de perigos cuja extensão de danos ainda jaz ignota a todos nós. É sabido que há empresas de tecnologia no mundo, com expertise na criação de robôs/avatars nas redes sociais e ingente capacidade de massificar fakes news. Elas auxiliam lideranças políticas a decidirem eleições com a força de seus milhões de *bots* ou robôs. Essas tecnologias são tão ágeis quanto seres humanos e massificam a execução de tarefas, cujos objetivos, muitas vezes, não possuem qualquer lastro ético. E essa temática não se restringe apenas à seara da saúde pública, mas a todos os setores da sociedade, demonstrando que a educação midiática é uma temática que urge ser trabalhada de forma transdisciplinar

A transdisciplinaridade significa:

Perceber-se como ser no mundo e para o mundo é perceber-se em interação, é sentir-se dependente, integrado, criativo, inventivo, importante, relevante. A superação de concepções dogmáticas e de atitudes pré-determinadas acontece com a percepção de si mesmo como ser social, cultural, histórico, psicológico. Por isso, todo aprendizado que promove atitudes transdisciplinares é cooperativo, interativo, solidário e integrativo. Estes devem ser alguns dos pressupostos para uma educação científica que poderá contribuir para a formação integral dos sujeitos (Flores; Filho, 2016, p. 121-122).

Essa pesquisa forneceu indícios, à guisa de experiência pedagógica do âmbito das metodologias ativas, da premência de um contínuo trabalho de combate a fake news na escola. Embora com baixa adesão de participantes, criando um universo meramente amostral de respondentes, seus achados tiveram curiosa correspondência com pesquisas relativas à acreditação em imunobiológicos, versus evitação aos mesmos. A análise dos dados pelos

estudantes e a realização de campanhas de combate à desinformação na escola, sustentaram a necessidade de repaginar esse projeto para os anos letivos vindouros.

Os robôs e a desinformação são um páreo duríssimo para a educação, a ética e a coerência, visto que, eles se municiam do sensacionalismo que sacia a curiosidade humana e age em âmbito neurológico ao mobilizar os centros neurais de prazer e recompensa. Ter *likes*, postagens compartilhadas ou visibilidade ficou tão prazeroso quanto tomar uma xícara de café.

Fake news são um desafio em escala global, que atualmente precisa ser combatido. Uma maneira de atuar junto aos estudantes é por meio de práticas sociais com o uso das tecnologias digitais em rede na educação básica, em que o letramento formacional seja potencializado no currículo, visando instrumentalizar os estudantes à construção do pensamento reflexivo e crítico na localização, seleção, avaliação e compartilhamento de informações a partir de critérios confiáveis e éticos (Fernandes; Fernandes, 2023).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício de projetos baseados em AMI para combater fake news, sobretudo em saúde, deve inculcar nos estudantes uma ética capaz de sensibilizar, dar a conhecer e apontar os direitos e deveres de todos em relação ao uso da informação/desinformação. Essas competências da escola são potencializadas com a atuação da família, mídia e sociedade em geral.

Desde sempre, ciente da responsabilidade que embasa o tão açodado direito à “liberdade de expressão”, que por diversas vezes, causa a negação da ciência, acirra ódios e extremismos, e mesmo, ceifa vidas, cada qual deve sempre hesitar antes de compartilhar informações na web, ponderando no limiar de qualquer ação: *“A quem a massificação dessa mídia interessa”?*

Tais atitudes suplantam fissuras sociais e alavancam os cidadãos das margens da cibercultura, para os caminhos da criticidade e cidadania digital. Enquanto a regulamentação Projeto de Lei das Fake News (PL 2630/20) não avança no Congresso Nacional, a escola deve, sem hesitação, desenvolver as competências e habilidades de cidadania digital nos Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 9, nº2, julho/dezembro - 2025.– Curso de Pedagogia– UNESC

estudantes. Ainda que essas construções sejam intuitivas e espinhosas de serem entabuladas na escola e tenham o duro páreo da velocidade dos robôs/bots, os educadores devem manter-se compelidos a perseverar nas estratégias de combate às fake news. Essa experiência convida aos entusiastas da temática, à realização de futuras pesquisas formais sobre a aptidão dos estudantes e comunidade escolar para checar fatos e notícias falsas disseminadas na internet.

REFERÊNCIAS

ARTACHO, Margarete (Coord.). **Conhecer e transformar** (projetos integradores) Ciências da Natureza e suas Tecnologias. São Paulo: Editora do Brasil, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase> Acesso em: 03 out. 2025.

DA ROCHA, Bernardo Abbad; DE LIMA LAVARDA, Suélen; DA SILVEIRA, Ada C. Machado. In: XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Resumos. **Anais eletrônicos...** Caçador: UNIARP, 2020. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-1477-1.pdf> . Acesso em: 08 out. 2023.

DEMO, Pedro. Marginalização digital: digital divide. **Boletim técnico do Senac**, v. 33, n. 2, p. 5-19, mai.-ago. 2007. Disponível em: <https://senacbts.emnuvens.com.br/bts/article/view/295> . Acesso em: 08 out. 2023.

FERNANDES, Iracema Cristina; FERNANDES, Terezinha. Letramento informacional no combate às fake news na educação. **ReDoc - Revista Docência e Ciberultura**, v. 07, n. 02, p. 41-51, jan. - abr. 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/68237> . Acesso em: 07 out. 2023.

FLORES, José Francisco; DA ROCHA FILHO, Joao Bernardes. Transdisciplinaridade e educação. **RevistAleph**, n. 26, p. 110-122, 2016. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/11797/2/Transdisciplinaridade_e_educacao.pdf . Acesso em: 08 out. 2023.

FRUGOLI, Alice Gomes et al. Fake news sobre vacinas: uma análise sob o modelo dos 3Cs da Organização Mundial da Saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 55, p. e03736, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/re USP/a/G6LTwYzSPqcGS6D7xw47bpL/> . Acesso em: 07 out. 2023.

GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro; LEAL, Débora Cristina Cordeiro Campos; DA SILVA, Mônica Ferreira. Educação midiática, cultura digital e as fake news em tempos de pandemia. **Educação em Revista**, v. esp2, pág. 179-198, 2021. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/12130> . Acesso em: 05 out. 2023.

MONARI, Ana Carolina Pontalti; BERTOLLI FILHO, Claudio. Saúde sem fake news: estudo e caracterização das informações falsas divulgadas no canal de informação e checagem de fake News do ministério da saúde. **Mídia & Cotidiano**, v. 13, n. 01, p. 160- 186, abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/27618> . Acesso em: 05 out. 2023.

RODRIGUES, Tatiane Daby de Fatima Faria; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; DOS SANTOS, Josely Alves. As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação. **Revista Prisma**, v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021. Disponível em: <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/49> . Acesso em: 05 out. 2023.

SANCHES, Samyra Haydêe Dal Farra Napolini; CAVALCANTI, Ana Elizabeth Lapa Wanderley. Direito à saúde na sociedade da informação: a questão das fake news e seus impactos na vacinação. **Revista Jurídica - UNICURITIBA**, v. 03, n. 52, p. 448-466, 2018. Disponível em: <http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/view/3227> . Acesso em: 06 out. 2023.

TEIXEIRA, Adriana; SANTOS, Rogério da Costa. As notícias falsas colocam a vida em risco: a polêmica da campanha de vacinação contra a febre amarela no Brasil. **RECHS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 1, pág. 72-89, jan./mar. 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/40875> . Acesso em: 06 out. 2023.